

*

Para terminar, encareço mais uma vez o serviço que o S.^{or} Arnaldo Teixeira Castel-Branco prestou ao Museu Etnologico e á Arqueologia, não só evitando que a lapide se perdesse, mas permitindo que, por intermedio do seu e meu amigo o S.^{or} Alberto de Oliveira, a lapide viesse para Belem. Como se vê do que fica exposto, constitue ela documento seguro da existencia de Romanos no aro da Covilhã, o que vale muito mais do que a fábula de *Silia Herminia*.

J. L. DE V.

Notulas Ceramográficas¹

I—Um vaso pintado, de Lamego

De entre os vasos luso-romanos oferecidos ao Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto pelo S.^{or} D.^{or} Vasco Nogueira de Oliveira, vamos descrever um (fig. 1), em cuja etiqueta se lia: «*Vasos [2] encontrados dentro de túmulos, dez palmos abaixo dos alicerces do Convento dos Eremitas de S.^{to} Agostinho, sito no Campo do Tablado, de Lamego, em 1852*», e que logo nos chamou a atenção por apresentar um «graffito» e restos de pintura.

O segundo vaso, a que se refere a legenda, está na posse do S.^{or} D.^{or} Vasco Nogueira. Tem o bocal largo e uma asa, e é de barro negro, com a superfície coberta de ornatos lineares brunidos (produzidos pela fricção de um seixo). Distingue-o a inscrição IVNI SEVERI, gravada a traço firme em maiúsculas. Conheço vasos do mesmo formato e com ornatos iguais de: *Alvarelhos, Guilhabreu, Guifões, Oldrões, Outeiro e Feira Nova*², de que a seu tempo nos ocuparemos.

¹ Nestas nótulas ir-se hão arquivando, pouco a pouco, vasos e outros produtos figulinos que se encontram dispersos ou provêm das nossas explorações. Aparecerão assim notícias sobre: cerâmica pintada, incisa e estampada; colecções de vasos; *pondera, tesserae, tegulae, imbrices*, etc., acompanhadas da respectiva bibliografia.

² «Feira Nova» (Marco de Canaveses) publicado pelo S.^{or} D.^{or} J. Leite de Vasconcellos na *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa 1925, na fig. 93, est. XIII. O vaso de *Outeiro* (Marco de Canaveses) vi-o no *Museu de Guimarães*; o de *Guilhabreu* na colecção

Ao retirar a enorme etiqueta que encobria parte do «graffito» do vaso de que nos ocupamos, apareceu uma faixa pintada (fig. 2, 1), que o papel protegera, e de que mal se notam vestígios no resto do vaso. Infelizmente porém a cola tinha destruído parte da inscrição.

O vaso é de barro amarelo-rosado, fino, com pequenas paelhetas de mica, cobrindo-o uma pátina côr de avelã, muito deteriorada, devida por certo ao vaso ter sido mergulhado num banho de argila diluída antes de ser cozido¹.



Fig. 1.—Lamego. Vaso pintado luso-romano

O fundo do vaso é plano e circular (0^m,12 de diâmetro); mede 0^m,16 de altura e 0^m,155 de diâmetro no bôjo. O bocal é cilíndrico (diâmetros: exterior 0^m,042; interior 0^m,028) e circundado por dois sulcos que se repetem na asa.

No Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Guimarães) vi vários vasos do mesmo formato, e de tama-

nhos diferentes, de *S. Tomé de Abação* e de *Amarante*.

No Museu Municipal Azuaga (Vila Nova de Gaia) conservam-se inéditos vasos semelhantes da necrópole luso-romana por inumação do *Coteiro da Vela, Gulpelhares* (sec. IV). A coleção de cerca de noventa peças de cerâmica recolhida nessa necrópole, está por estudar, tendo apenas o D.^{or} José Fortes dado uma ligeira notícia dela num artigo de vulgarização² e publicado um vaso de fabrico manual³.

do Rev. P.^o Sousa Maia; e o de *Oldrões* (Penafiel) está no Museu de Antropologia do Pôrto por oferta do Rev. P.^o Monteiro de Aguiar. Em *Guiões* (1924-1927) e *Alvarelos* (1925-1926) encontrei bastantes fragmentos destes vasos.

¹ Facto idêntico observou o D.^{or} José Fortes em alguma cerâmica da *Lomba*. Cf. J. Fortes, «Necrópole lusitano-romana da *Lomba* (Amarante)», in *Portugalia*, II, p. 261.

² J. Fortes, «Gaya no passado», in *Mea Villa de Gaya*, Pôrto 1909.

³ J. Fortes, «Vasos em forma de chapéu invertido», in *Portugalia*, II, p. 662.

Dois dos vasos de *Gulpelhares*, do tipo do de *Lamego*, têm pintadas a vermelho no bôjo duas faixas paralelas. Não são porém do mesmo oleiro, pois têm na inserção da asa com o bocal, ambos lisos, uma marca ou ornato, formada por uma pequena bola de barro comprimida com um dedo, e que encontrei em cerâmica de *Carvalhos*, *Guifões*, *Laboriz* (Amarante), *Moreira de Cónegos*, *Parada Todeia*, *Sardoura*, *Tarouquela* (Sinfães), *Valadares*, etc.

O D.^{or} Henrique Botelho descreveu um vaso da mesma espécie da freguesia de *Gondar* (Amarante)¹.

No Museu Etnológico Português existe um vaso análogo, de 0^m,21 de altura, encontrado na necrópole luso-romana da *Feira Nova* (Marco de Canaveses)².

Na necrópole luso-romana de inumação do *Bairral* (Santa Leocádia, Baião) encontrou-se um vaso do mesmo tipo, com um furo ritual junto à base³.

Como se vê trata-se dum formato vulgar entre os vasos luso-romanos dos arredores do *Pôrto*, desconhecendo-se se tem encontrado em outros pontos do país.

Pode parecer estranho não indicarmos a designação latina, com que seriam conhecidos estes vasos. Tem-se feito isso descuidadamente entre nós, não obstante ser contra-indicado por quasi todos os arqueólogos, pois os romanos, fora de casos conhecidos, não davam o nome ao vaso pela sua forma, mas sim pela sua aplicação⁴. Para este facto já chamou a atenção o D.^{or} J. Fortes, apoiando-se em Hölder e Walters⁵. Contudo, seguindo Rich, incluiremos estes vasos de colo curto e bôjo globular ou piriforme na categoria das *ampullae*.

As três faixas pintadas (fig. 1) são de côr castanho avermelhada (*rouge-brun*), que seria obtida com uma argila ferruginosa⁶.

¹ H. Botelho, «Cerâmica dos concelhos de Vila Real e Amarante», in *O Arch. Port.*, ix, 99, fig. 2.

² D.^{or} J. Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Etnologico*, est. xii, fig. 83.

³ R. Severo, «Necropoles lusitano-romanas de inumação. I. Cemiterio do Bairral», in *Portugalia*, II, p. 422, fig. 8.

⁴ R. Cagnat et V. Chapot, *Manuel d'archéologie romaine*, Paris 1920, II, pp. 439-440.

⁵ J. Fortes, «Necrópole», etc., in *Portugalia*, II, p. 257.

⁶ B. Taracena-Aguirre, *Los vasos y las figuras de barro de Numancia*, Ipek 1925, p. 81.

Os seus desenhos são diferentes, o que é pouco vulgar, pois geralmente neste género de ornamentação o desenho é um só, ainda que esteja repetido.

No ornato I (fig. 2) há uma série de pinceladas triangulares e uma linha sinuosa, entre três traços paralelos de largura desigual.

O primeiro motivo, que eu saiba, é inédito e único em cerâmica dêste tipo.

A linha sinuosa tem o aspecto de SS ligados pelos topos (em fr. *postes*), conhecendo-a com esta mesma forma em vasos pintados de *Gulpelhares* e *Fiães*¹.

Êste ornato tem uma origem remota nos palmípedes e SS estampados na cerâmica pre-romana de *Arados*, *Belinho*, *Briteiros*, *Mantel*, *Sabroso*, *Terroso*² e castros da *Galiza* (*S. Tecla*, *Morgade*, *San Cibrán de Lás*, etc.³), e nas linhas sinusoidais incisas da cerâmica de *Alvarelhos*, *Briteiros*, *Guifões*, *Reguengo*, *Terroso*, etc.⁴, para só citar estações do norte de Portugal.

O ornato II (fig. 2), constituído por uma fila de pontos entre dois traços paralelos, encontra-se também em *Gulpelhares*, *Valadares* e *Fiães*, estando em alguns dêstes vasos o intervalo entre os dois traços pintado de branco.

O ornato III (fig. 2), formado por duas linhas paralelas, é o mais simples e também o mais freqüente. Assim, com pequenas variantes,

¹ Observações inéditas. Em *Fiães* encontrei cerâmica pintada de vários tipos, entre ela cerâmica ibérica de barro rosado com pinturas a branco, castanho, etc.

² *Arados* e *Mantel*: no Museu Etnológico Português; *Belinho*: exploração do Ex.^{mo} S.^{or} António Correia de Oliveira que confiou ao autor a sua publicação; *Briteiros* e *Sabroso* no Museu de Guimarães. Vid. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris 1886, p. 279, fig. 405; e Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique*, etc., Paris 1914, iv, p. 1472, fig. 667.

³ Observações no Museu da Sociedade Pro-Monte S. Tecla (La Guardia, Pontevedra); F. Cuevillas, *Catálogo dos castros galegos. I. Val de Vilamarin*, Cruña 1927, p. 13, e «A Citania do Monte «A Cidade» en San Ciprian das Lás», in *Boletín de la Real Ac. Galega, Coruña* 1924-25.

⁴ Explorações de Martins Sarmiento, Rocha Peixoto e do autor. Vid. Virchow, «Compte Rendu du Congrès d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique de Lisbonne», 1880, p. 660; Mendes Correia, «O petróglifo do guerreiro lusitano no Monte do Castelo de Penafiel», separata da *Brotéria*, Caminha 1927, vol. iv, fasc. i. Exemplos nos Museus de Guimarães e Antropológico do Porto.

conheço-o em: *Amarante, Carvalhos, Gulpelhares, Marco de Canaveses, Moreira de Cónegos, Santa Eulália de Barrosas, S. Torcato, Sardoura, Valadares e Vila Nova da Telha*¹.

Um vaso, com duas faixas pintadas, da necrópole luso-romana por incineração (século IV) da *Lomba* (Amarante), é considerado pelo Dr. J. Fortes como «de época tarda no período lusitano-romano»².

Na necrópole luso-romana por inumação de *Vila Verde* (Bagunte) apareceu cerâmica «de pasta fina amarela, igual à da *Lomba*, com

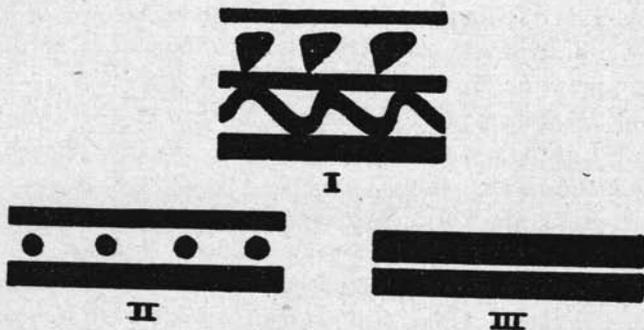


Fig. 2.—Lamego. Desenhos das faixas pintadas

dois traços paralelos cor de chocolate»³, e na necrópole também por inumação de *Vilarinho* (Amarante) um vaso com faixas a-vermelho e branco⁴.

Na sepultura luso-romana do *Monte do Penouço* (Rio Tinto, Pôrto) encontrou-se uma caneca com duas listas castanhas intermeadas duma branca⁵.

As faixas pintadas da cerâmica de *Santa Olaya* (2.^a idade do ferro)

¹ Nos Museus do Pôrto, Guimarães e Lisboa (observações pessoais). M. Correia, «Cerâmica pintada», in *Revista de Estudos Históricos*, Pôrto 1924, I, p. 66, e, do mesmo, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Pôrto 1924, p. 288.

² J. Fortes, «Necrópole», etc., in *Portugalia*, II, p. 259, est. XVI, fig. 1.

³ R. Severo, «Necrópoles», etc. II. «Cemitério de Vila Verde», in *Portugalia*, II, p. 428. Recolheram-se juntamente moedas dos séculos III e IV.

⁴ J. Fortes, «Casa e necrópole lusitano-romanas de Vilarinho (Amarante)», in *Portugalia*, II, p. 478.

⁵ R. Severo, «O cemitério romano do Monte do Penouço (Rio Tinto)», in *Portugalia*, II, pp. 111-113, fig. 3.

são muito mais largas do que as descritas¹, o que sucede na cerâmica ibérica do sul do país (*Lisboa, Alcácer do Sal*, etc.²).

No «graffito» lê-se o genitivo do *nomen gentilicium* RVFINIVS, com a terminação em *-ius* característica do antigo gentilício romano³. A palavra seguinte (*cognomen?*) é ilegível, pelos poucos sinais que restam, talvez um C, um A e um M.

As letras, capitais grosseiras, foram gravadas com um estilete depois da cozedura.

A ligação do V com o F é vulgar. Aparece, por exemplo, em lápides sepulcrais do *Monte do Penouço* (Rio Tinto) nos nomes de Rufonia Rufina e de Apronio e Apronia Rufa⁴; e num vaso do *Marco de Canaveses* (que vi no Museu Etnológico) com o graffito *Rufoni Rufini*.

O nome *Rufinius* é conhecido no onomástico pessoal luso-romano da Bética e Lusitânia segundo E. Hübner⁵, e no «graffito» dum *pondus* de *Quintela* (Mangualde)⁶.

Nos arredores do Pôrto são freqüentes outros nomes semelhantes, como *Rufonius*, e cognomes como *Rufus* e *Rufnus*.

Os grafitos abundam sobretudo no norte do País, aparecendo em *Amarante, Baião, Fiães, Guilhabreu, Gulpelhares, Marco de Canaveses, Oldrões, Parada Todeia, Sardoura, Sinfães* e *Valadares*.

Pôrto. Páscoa de 1928.

RUY DE SERPA PINTO.

«Tam antigo costume é estimar a memoria antiga, que quasi per hño consentimento en todas has idades houue esta opiniã, teñrense muitas cousas en preço, non por ha bondade de ellas, mas por antiguidade. . .»

A. de RÊSENDE, *Hist. da antiguidade da cidade de Evora*, 3.^a ed. (1783; a 1.^a é de 1576), comêço.

¹ A. Santos Rocha, «Estações, etc., Santa Olaya», in *Portugalia*, II, pp. 334 sgs., est. xxv; «As louças pintadas de Santa Olaya», in *O Arch. Port.*, II, 227. Nos Museus da Figueira da Foz e Etnológico.

² Vergílio Correia, «A cerâmica ibérica no centro e sul de Portugal», in *Terra Portuguesa*, 1924, n.º 37, p. 11.

³ R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, Paris 1914, p. 50.

⁴ R. Severo, «Três inscrições funerárias inéditas do cemitério romano do Monte do Penouço (Rio Tinto)», in *Portugalia*, II, p. 126.

⁵ *C. I. L.*, II, 521 e 1038.

⁶ D.^{or} J. Leite de Vasconcellos, «Analecta archeologica: 3», in *Arch. Port.*, xv, 325.